

# GODIDO

«Era um végi um dia. Barranco chigou no nosso terra. Parota, tinha degi. E patrão ficou falar assi»: — «Agora machamba não é de prreto».

«Brranco ficou na terra».

O senhor Manuel Costa veio à povoação e assentou seus projectos ao lado dos negros. Trazia máquinas, autoridade, réguas. Espalhou dinheiro e panos de fantasia pelas gentes, trazendo à sua quinta os braços do sector. Trabalhar para o senhor Costa era mais seguro porque se abrigavam dos maus tempos que destroem os cultivos. Os brancos até lutam vantajosamente contra a Natureza.

Os pretos dividiam-se em dois grupos: os das pequenas machambas independentes e os empregados da quinta. Os primeiros, sentindo o peso dos impostos, vendiam seus produtos ao caseiro. De modo que uns subordinados directamente e outros conscientes de uma liberdade que não tinham, todos viviam para o grande proprietário.

Quatro meses andados, no lugar o senhor Costa se tornou um verdadeiro soba. Até fazia de juiz entre os indígenas.

Grandes camiões paravam ali. Os armazéns falavam de tudo que se produzia e os carros afastavam-se de pneus em baixo, pingando amenos doins ou feijões que sacos rotos não seguravam. Aquela carga des congestionava os armazéns e ia espalhar libras no senhor Costa.

Os produtos seguiam para grandes cidades. Na aldeia, a fome.

«Di modo qui os prreto trabai, trabai e, às vézi, fica fome no barriga dele. Não te comida para o gente».

Um feiteiro disse uma vez que a fome que começava nascendo era uma praga dos antepassados. Que andava um anjo mau na po-

vuação. «Dá mim 20 cabeça ha-dimatar este chatiche qui te no terra». Mas os negros supersticiosos desconfiaram do que se lhe dizia e seguraram suas cabeças de gado.

O branco, raivando riso, empurrou para longe o negro ladrão.

Os indígenas viram depois uma sombra e quiseram bater no feiteiro que deitava pesos em seus pensamentos.

De manhã, ainda a claridade rasgava farrapos de escuridão, um sino chamava às charruas e colheitas. Carlota trabalhou enquanto se lhe enchia o ventre. Certo dia sentiu náuseas, voltou à palhota. Descontaram-lhe horas de trabalho.

A barriga rompeu e vazou. O senhor Costa espiou.

— Azar! Se fosse mulher, a mão-de-obra ...

Mas não havia dúvidas. Nem a barba lhe faltaria ao crescer. Homem com todas as características. Na idade, havia de distrair as tombazanas da faina diária, rebolar por elas na mata. E as horas de sexo quem nas perdia em trabalho era ele, caseiro, que não tinha olhos em todos os cantos simultaneamente.

Carlota continuou entre o quarto do senhor Costa e os negros da palhota. Entre eles, Godido germinou sem cinismos a roer até aos dedos a mandioca que a mãe lhe dava pelo dia.

A vida fazia-se fábrica de descasque: os homens entravam, descascavam-se e saíam farelo para a estremeira. Na máquina ficava suor. Amadureciam os campos, desfazia-se a vida em adubo. Não se pintavam novas cores no cenário; era aquele o método único, com mais ou menos pormenores.

«Escola pra preto num tinha. Branco estava a falar cos preto é só pra cavari, cavari ni chão».

Mamana Carlota lembrou que tinham passado tantos anos quantos os dedos das mãos e de um pé, depois que Godido nascera. Cercavam-no olhos brancos de cobiça do senhor Costa, gulavam-lhe charruas e sementeiros no campo. Mãe negra desgastara-se naquilo; sabia os trabalhos dos que nem corpo haviam para a sexualidade do senhor Costa.

Godido precisava outros rumos. A vida realiza-se sempre certa onde quer que seja, mas nós não somos suficientemente fortes para o compreender e executar.

O negro olhou-se entre campos e montes, a alma sangrando lágrimas aos cantos dos olhos. «Parrão não escondiu eu estava fugir». A mãe ficara a mentir um inesperado desaparecimento como se esquecesse aquelas últimas palavras ditas ao filho, que a vida estava um bocado além da mandioca e do chicote. Mas havia de dizer ao senhor Costa: — «Minha Godido ficou maluco; fugiu ... fugiu do sorroço. Dêxou patrão, dêxou mãe. Maluco!»

Godido mediu a falta de uma voz de mãe onde apoiar as acções uma voz de mãe a cansar-lhe os ouvidos: «Num fagi issol. Godido vênhá qui»

A estrada parecia doida no seu andar, atirando-se da colina ao vale quantas vezes com brusquidão. Morava em baixo uma respiração de grades. Vazio de casas e homens. A falar-nos da vida humana só a estrada. Despropositadamente, raríssimos quase-pastores immanados a suas ovelhas. Profundamente immanados a elas. Ninguém acredita que sejam homens. Mantém-se que ali só estiveram os construtores da estrada, e viajantes.

Godido deu um passo menos seguro e pestanejou. Lembrara-se que podia passar alguém por ele. Com mil diabos!

— «Mim vai no cidade viver co brancos», diria a seus patrícios

Complicavam-se as coisas se passasse por um branco. E neste pensamento falhou-lhe o coração e sentiu frio nos pés. Que ia em serviço, havia de dizer.

A cidade agora começou a assustá-lo. Tinha medo. Era terra dos brancos. Os brancos eram como o senhor Costa. A cidade era muitos senhores Costas. A paisagem à volta despiu-se e o caminho entrou de oscilar num «Vou? Não vou?» Os negros lá deviam ficar sufocados. O seu caminho era para trás, na senzala. Que se não metesse em cavalarias altas.

Mas a quinta dava-lhe náuseas e um caminho novo pedia ser pisado. «Os branco di cidade não fagi mal. Ni mato já mi chatia catinga de mamana, e paiota do gente co chuva no cama».

Vertigens de novo, esperavam-no. Os pretos não estavam mais puxando carroças, como na quinta. O chão e o céu perderiam areia e azul e tudo seria oiro como o Sol. Ná! Aquele cheiro a suor da mãe e o senhor Costa enjoavam.

A imagem do burgo deu-lhe sono e medo alternados. A estrada ora escorregava gulosa, ora oscilava em vontades de palhota.

Ao longe pinceladas amarelo-avermelhadas davam amarelo. Era como que o limiar de outra existência mais real para Godido. — «Hi! Tão bom! Olhô o cidade». O ambiente ter-se-ia rido do seu estado de alma se ooubesse.

Como se não fosse humano um negro pensar que a «vida do negro há-de acabar».

## JOÃO DIAS EVOcando UM ESCRITOR MOÇAMBICANO



João Dias nasceu na então cidade de Lourenço Marques a 21 de Maio de 1926 e morreu em Lisboa, onde se encontrava a cursar direito, em 25 de Março de 1949. Filho de Estácio Dias, prestigioso jornalista no meio africano da capital moçambicana, cedo começou a manifestar uma decidida vocação para as letras e para o jornalismo. Frequentou a Faculdade de Direito de Coimbra durante três anos, transferindo-se depois, para Lisboa, onde veio a morrer com 23 anos, vítima de incurável doença. Durante a sua presença em Portugal foi um dos grandes impulsionadores da sua presença africana na sociedade europeia. Trabalhos seus foram publicados em vários jornais e revistas: Itinerário, Lourenço Marques Guardian, O Brado Africano, Agora, A Ilha, Vértice, Gazeta de Coimbra, Via Latina e Meridiano.

O seu único livro, Godido, foi publicado em 1952 pela Secção Moçambicana da Casa dos Estudantes do Império, que teve como grande impulsionador o seu amigo Vítor Evaristo. Deixou dois inéditos: Cadernos da Juventude e Outros Escritos e Correspondência diversa. O conto que apresentamos é extrato do seu único livro Godido e Outros Contos e foi escrito nos anos quarenta.

